

GOSOUIN DE METZ, *Imagem do mundo*, apresentação, ed. e trad. de Margarida Santos Alpalhão, IEM, Lisboa 2010; 421 pp.; ISBN 978-989-97066-1-3.

É bastante louvável o trabalho de edição de *L'image du monde*, a partir da versão apresentada no ms. 619 da BPMP, que pertencia aos crúzios de Coimbra. Em primeiro lugar, a tradução de 6587 versos, do francês medieval para a língua portuguesa, vem possibilitar a um maior número de leitores o contacto com uma das várias obras que, em finais do século XIII, compendia saberes de vária ordem, num horizonte teológico-filosófico com matizes alegorizantes, mas prometendo fazer desabrochar um espírito paracientífico. Por outro lado, deve aplaudir-se a iniciativa que recupera um trabalho de mestrado e lhe dá visibilidade editorial, concretizando o diálogo salutar entre a investigação e a divulgação de conhecimento junto de um público em diferentes estádios de formação.

De entre as várias versões existentes da obra duocentista, Santa Cruz terá adquirido uma edição em verso, que Margarida dos Santos Alpalhão traduz procurando preservar a mesma estrutura formal e respeitando, o mais possível, a sintaxe original.

Em artigo saído em 2004,¹ de que encontramos aqui vários ecos, a autora havia já en-

¹ Margarida Santos ALPALHÃO, *O ensino e o enciclopedismo medieval*, in António Manuel FERREIRA (coord.) *Sob o olhar de Minerva – a escola e o ensino da literatura*, Aveiro, UA, 2004, 59-68.

quadrado o movimento do enciclopédismo medieval que retoma na introdução à obra de Gossouin de Metz. Todavia, neste estudo introdutório ao texto medieval, a tentativa de ser exaustiva parece ter comprometido a consistência de alguma informação, fornecida sob a apressada forma de uma longa enumeração. Não se compreende, por exemplo, que Pitágoras, Platão e Aristóteles sejam citados sem mais, isto é, sem explicitação de textos (salienta-se apenas o aproveitamento dos seus ensinamentos cosmológicos) que justifiquem a sua integração no fio diacrónico do enciclopédismo. Aliás, a autora afirma que omite alguns nomes por «não serem mencionados enquanto enciclopedistas», mas sê-lo-ão os autores acima indicados, se não se disser, por exemplo, que foi enorme a fortuna aristotélica de títulos como o *De Animalibus* nos bestiários, ou das fragmentárias ideias transmitidas a partir da receção latina do *De caelo et mundo*? Não existirá ainda alguma inexatidão ao convocarem-se nomes fundamentais do pensamento histórico-filosófico para falar de compiladores e de versões abreviadas do saber sem precisar papéis nem aludir às derivas na receção de autores? Na verdade, são muitos os filósofos da antiguidade clássica que, por norma, comparecem em textos didáticos como *L'Image du Monde*, embora isso não signifique que a presença de Platão (por exemplo no v. 1544) ou do Estagirita (v. 1554) ultrapasse o esforço de legitimar algumas generalizações, já sem assinatura, por meio de *auctoritates* indiscutíveis.

É certo que o tema se afigura quase tão vasto como a bibliografia passiva existente, mas talvez a edição ficasse a ganhar se «a herança do autor» (as palavras são de Margarida Alpalhão) fosse assinalada pelo posicionamento pessoal da estudiosa, acusando de modo vivo a consulta direta de alguns textos, em detrimento da citação de estudos hodiernos. A referência à opinião de Bouard e de Duhem não esclarece o leitor comum sobre a influência de St. Agostinho, de Macróbio ou de Beda na transmissão enciclopédica de saberes ao longo da Idade Média. Pediam-se elementos, mesmo que breves, sobre a efetiva importância das obras, seguindo o preceito do *intus docet textual*. Sabemos que, por vezes, a síntese pode ser inimiga da clareza e da precisão, nomeadamente quando se afirma que «as teorias de Aristóteles, embora imbuídas dos pensamentos de Platão, estavam de certo modo mais próximas das cristãs» (p. 15). *De facto, lendo a resposta do discípulo de Sócrates sobre a validade do conhecimento adquirido ao longo da vida (vv. 5879-5882: Qui n'avoit riens apris for tant / Qu'il se sentoit, et jor et nuit, Ausi com un vaissel tout vuit.)* Reconhecemos nas suas palavras um lastro cristão, mas também se coloca na boca de Aristóteles semelhante discurso, por exemplo no *Orto do Esposo* (Livro III, cap. IX).

Também parece questionável a opção de deixar de lado a menção às principais fontes de *L'Image du Monde*, até porque, aqui e além (pp. 13, 16, 20), se dão algumas indicações pontuais sobre o assunto antes de se convocar o estudo de Carl Fant, que contempla as redes intertextuais do escrito medieval.

Parca em relação ao problema da autoria, Margarida Alpalhão segue a via que parece

oferecer mais consenso, aduzindo não estar «apta a tomar uma posição» e partilha da opinião segundo a qual o texto revela bastantes traços do dialeto loreno. Pelo contrário, não lança quaisquer hipóteses sobre a origem do manuscrito existente no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, provavelmente pelo facto de ser um dado difícil de apurar.

A editora salienta que não procedeu ao cotejo desta versão de *L'Image du monde* com as de outros manuscritos por não pretender fazer uma «edição crítica do texto». Mas é pena que não o tenha feito. Seria interessante verificar, para além da notada diferença do número de versos, se há algum traço que individualize a cópia que chegou até nós.

Antes de contactar com o texto, o leitor tem ainda acesso a um quadro comparativo que coloca em paralelo a estrutura formal dos manuscritos estudados por Fant e as especificidades do ms. 619 da BPMP. Infelizmente foi colocada de parte a possibilidade de apresentar as variantes textuais, elemento que, a nosso ver, teria enriquecido o trabalho em apreço.

Nas normas de transcrição, a editora informa-nos de que a numeração do texto se inicia em 31, em virtude de o ms. 619 não apresentar o prólogo inicial. Porém, teria sido vantajoso aduzir em nota de rodapé os versos em falta, que figuram em A, para termos uma visão de conjunto desta versão em verso.

Cite-se de passagem que, graças aos extraordinários recursos proporcionados pelas novas tecnologias, é hoje possível aceder, em poucos segundos, através da Gallica (<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84496854>), a uma das versões de *L'image do Monde*, especificamente o manuscrito que pertenceu ao ilustre Carlos V.

A tradução do texto francês pauta-se, de acordo com Margarida Alpalhão, por um critério de fidelidade que inclui o respeito pela sintaxe original, desde que «aceite pelo português» (p. 59). Esta preocupação em não alterar a ordem dos versos até poderia ser premente caso a tradutora quisesse verter o texto mantendo a rima, contudo o fito não é (nem pode ser) esse. Cotejando os dois textos – o texto de partida e a sua tradução – parece que, em alguns casos, poderia ter-se evitado alguma literalidade excessiva. Vejamos apenas um exemplo:

299 Maint les tinrent el monde a fols	<i>Muitos que no mundo os tiveram por loucos,</i>
Qui ore ont bien chargies lor cols	<i>Têm, agora, os ombros carregados</i>
De ce dont cil sont deschargies	<i>Daquilo de que aqueles que habitam</i>
Qu'en paradis sont herbergies	<i>No Paraíso se libertaram.</i>

Não seria possível conferir alguma elasticidade ao texto sem trair o seu sentido primordial, mas antes aclarando-o? Eis uma proposta meramente exemplificativa:

Muitos que no mundo foram tidos como loucos
 carregam agora aos ombros
 aquilo de já que se libertaram
 os que habitam no Paraíso

Num ou noutro contexto (vv. 78 e 94), chega a gerar-se uma estrutura algo pleonástica, que compromete um pouco o encadeamento semântico harmónico com o verso seguinte:

Le mau convient descendre aval	<i>É necessário descer o Mal para baixo</i>
En leu tenebreus et orible	<i>Para local tenebroso e horrendo</i>

Talvez aqui a escolha do verbo *empurrar* tivesse podido evitar algumas ambiguidades (É necessário empurrar o Mal / para local tenebroso e horrendo), preservando a expressividade da ideia veiculada por Gossouin de Metz.

A leitura verso a verso, entre a página com o original e a versão portuguesa, sugere ainda que, em determinadas circunstâncias, a tradução se foi fazendo numa relação de um para um, escapando, por isso, no cômputo geral, pormenores gramaticais (de concordância e de correta posição do pronome, por exemplo) e de coerência interna entre as várias orações que compõem três ou quatros versos. Daí que nem sempre a obediência à estrutura sintática do texto de partida se traduza em fluidez e clareza. Teria sido importante proceder a uma última revisão do texto português para aferir se ainda havia arestas por limar, decorrentes das especificidades da ordenação do texto na língua de chegada e de inevitáveis rearranjos decorrentes das opções semânticas tomadas.

Verifica-se em determinados vocábulos do domínio intelectual alguma oscilação (sem razão aparente) na opção semântica escolhida. Citem-se apenas *clergie* (traduzido por *estudo*, *ciência*, *conhecimento*, *conhecimento da ciência*, *saber*, *sabedoria*), e *sen/san*, em que a tradutora ora opta por *inteligência* (v. 501, v. 526), ora por *conhecimento* (v. 576), *ciência* (v. 1088) ou *senso* (vv. 1313 e 1532). Porém, também se envereda pelo procedimento contrário, ou seja, pela utilização, em dois versos contíguos, da mesma palavra portuguesa para dois vocábulos franceses distintos:

1144 Grammaire si est fondemans	<i>A Gramática é o fundamento</i>
De <i>clergie</i> et commensemans	<i>Da ciência e o princípio</i>
Elle est la porte de <i>science</i>	<i>Ela é a porta da ciência.</i>

Por entre a exigente missão de trasladar tão respeitável número de versos, e desejando manter-se bastante próxima do texto medieval, Margarida Alpalhão deixou inadvertidamente por resolver certas angulosidades linguísticas na versão portuguesa que não desmerecem o seu trabalho, mas que talvez pudessem ser mitigadas por uma atitude que denotasse um pouquinho menos de rigidez no exercício de transposição literária de uma língua (num estádio bem diferente daquele em que se encontra o português) para outra.

Marisa das Neves Henriques
Universidade de Coimbra